

Diagnóstico dos Mercados Mundial e Brasileiro do Algodão.

58

Circular Técnica

Campina Grande, PB
Dezembro, 2002

Autores

Maria Auxiliadora Lemos Barros,
Economista, M.Sc. Pesquisadora
da Embrapa Algodão. Rua
Osvaldo Cruz, 1143,
Centenário. CP. 174,
CEP 58107-720, Campina
Grande, PB.
e-mail dora@cnpa.embrapa.br

Robério Ferreira dos Santos,
Economista, Dr. Pesquisador da
Embrapa Algodão.
e-mail roberio@cnpa.embrapa.br

Phillipe Farias Ferreira, Estagiário
da Embrapa Algodão.
e-mail phillipe.ferreira@bol.com.br

Kleodósio Leôncio da Silva,
Estagiário da Embrapa Algodão.
e-mail kleodosio@hotmail.com



A conjuntura econômica atual, caracterizada pela globalização do comércio internacional, tem requerido, dos segmentos produtivos, a busca constante pela competitividade. A partir de 1990, o mercado brasileiro de algodão foi seriamente afetado com a abertura da economia para o mercado externo, principalmente

pela redução das alíquotas de importação de pluma, aliada aos baixos preços e subsídios vigentes nos principais países exportadores de pluma reduzindo, assim, a competitividade do algodão nacional (Barros e Santos, 2000).

Mesmo com o avanço tecnológico na produção de fibras sintéticas, o algodão tem sustentado o status de principal matéria-prima utilizada no setor têxtil brasileiro, representando cerca de 74% das fibras naturais utilizadas pela indústria têxtil vindo, a seguir, a lã com 20%, e o linho, com 6% (Anuário Brasileiro do Algodão, 2001).

Ultimamente, vem-se delineando um novo mapa na produção interna de algodão com o abandono da atividade pelos pequenos e médios produtores das regiões tradicionais (São Paulo e Paraná) e a expansão da área e da produção, por parte de grandes produtores, para a região de cerrados do Centro-Oeste e Nordeste, na busca da competitividade com o produto importado.

O objetivo deste trabalho é analisar as perspectivas do algodão brasileiro nos mercados nacional e internacional, abrangendo os aspectos da produção e consumo e o comportamento e as

Aspectos Gerais da Produção

✓ O Algodão e o Setor Agrícola

O setor agrícola tem papel fundamental na economia dos países em desenvolvimento, sendo responsável por uma elevada parcela do nível de emprego, renda e receita de exportação. A cadeia produtiva do algodão é uma das principais do Brasil, empregando mais de um milhão de pessoas diretamente, apenas nos setores industriais, e gerando, na indústria, mais de US\$1,5 bilhão por ano (Anuário Brasileiro do Algodão, 2001).

O algodão é uma planta cultivada em mais de 80 países, sendo os principais: China, Estados Unidos da América do Norte, Índia, Paquistão e Uzbequistão (COTTON, 1999). Esses países produziram, juntos, na safra de 1999/2000, 13,204 milhões de toneladas de algodão em pluma, representando 70% da produção mundial.

✓ Evolução da Cotonicultura no Brasil

A crise da cotonicultura brasileira impôs ajuste ao sistema produtivo, pautado em novas formas de produção e gerenciamento, em que a cotonicultura é baseada no uso intensivo da tecnologia, destacando-se a mecanização, em grandes áreas de produção (Barbosa, 2000). Nos últimos anos, a cultura do algodão vem experimentando um crescimento na área, produção e produtividade.

Este crescimento se dá principalmente em estados que possuem parte de seus territórios na área dos cerrados, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Goiás, Piauí e Maranhão. Com o desenvolvimento da cotonicultura empresarial, o Brasil garante plenas condições

para voltar a ser auto-suficiente na produção desta malvácea.

Na safra de 2000/2001, o algodão destacou-se, no Brasil, entre as lavouras de maior expansão. Observa-se, na Tabela 1, que na safra 2000/01 a área colhida foi de 858,3 mil ha, 4,2% superior à da safra de 1999/2000; na região Centro-Oeste foi de 519,9 mil ha, com um aumento médio, em termos percentuais, em relação à safra anterior, de 28,0%, e 60,6% da área colhida no Brasil, sendo que somente o Mato Grosso foi responsável por 43% da área colhida nacional. Na região Nordeste, devido às irregularidades das chuvas, ocorreu redução de área, passando de 249,0 mil ha, cultivados na safra de 1999/2000, para 169,3 mil ha, redução de aproximadamente 32%. No Estado de Ceará deverá ocorrer a maior retração de área, em torno de 55%.

Tabela 1. Algodão - Comparativo de Área, Produção e Rendimento Médio - Safra 1999/00 e 2000/01.

U.F.	Área (em mil ha)			Produção (em mil t)						R. Médio em caroço (kg/ha)		
	1999/00	2000/01	% ¹	Algodão em pluma			Caroço de algodão			1999/00	2000/01	% ¹
				1999/00	2000/01	% ¹	1999/00	2000/01	% ¹			
RO	0,5	2,0	300,0	0,2	1,1	450,0	0,4	2,0	400,0	1.220	1.500	23,0
PA	0,8	0,8	-	0,4	0,4	0,0	0,8	0,8	-	1.450	1.450	-
Norte	1,3	2,8	115,4	0,6	1,5	150,0	1,2	2,8	133,3	1.385	1.536	10,9
MA	-	2,3	-	-	2,5	-	4,6	-	-	3.000	-	-
PI	13,8	15,9	15,0	2,2	3,8	72,7	4,3	7,3	69,8	470	700	48,9
CE	109,0	49,1	-55,0	26,7	13,4	-49,8	51,8	25,9	-50,0	720	800	11,1
RN	23,7	14,2	-40,0	5,0	3,4	-32,0	9,7	6,6	-32,0	618	700	13,3
PB	24,2	14,0	-42,1	9,9	4,3	-56,6	19,2	8,3	-56,8	1.200	900	-25,0
PE	11,8	10,2	-13,6	1,6	1,4	-12,5	3,1	2,7	-12,9	403	403	-
AL	7,3	7,3	0,0	1,5	1,5	0,0	2,9	2,9	-	599	599	-
SE	1,3	1,3	0,0	0,1	0,1	0,0	0,2	0,2	-	195	195	-
BA	57,9	55,0	-5,0	45,6	54,0	18,4	84,7	87,4	3,2	2.250	2.570	14,2
Nordeste	249,0	169,3	-32,0	92,6	84,4	-8,9	175,9	145,9	-17,1	1.078	1.360	26,2
PR	53,4	64,1	20,0	43,0	52,2	21,4	79,8	96,9	21,4	2.300	2.325	1,1
Sul	53,4	64,1	20,0	43,0	52,2	21,4	79,8	96,9	21,4	2.300	2.326	1,1
MG	48,2	37,6	-22,0	38,7	25,4	-34,4	67,3	44,2	-34,3	2.200	1.850	-15,9
SP	65,7	64,6	-1,7	55,2	52,2	-5,4	102,5	97,0	-5,4	2.400	2.310	-3,8
Sudeste	113,9	102,2	-10,3	93,9	77,6	-17,4	169,8	141,2	-16,8	2.315	2.141	-7,5
MT	268,4	370,4	38,0	335,8	481,3	43,3	536,5	768,8	43,3	3.250	3.375	3,8
MS	46,7	50,4	8,0	43,8	60,5	38,1	73,0	100,8	38,1	2.500	3.200	28,0
GO	90,4	97,6	8,0	89,8	98,8	10,0	149,7	164,7	10,0	2.650	2.700	1,9
DF	0,7	1,5	114,0	0,8	1,9	137,5	1,5	3,0	-	3.210	3.270	-
C.Oeste	406,2	519,9	28,0	470,2	642,5	36,6	760,7	1.037,3	36,4	3.030	3.231	6,6
N/NE	250,3	172,1	-31,2	93,2	85,9	-7,8	177,1	148,7	-16,0	1.080	1.363	26,2
C.Sul	573,5	686,2	19,7	607,1	772,3	27,2	1.010,3	1.275,4	26,2	2.820	2.984	5,8
Brasil	823,8	858,3	4,2	700,3	858,2	22,5	1.187,4	1.424,1	19,9	2.291	2.659	16,1

Fonte: CONAB (2001); Nota: Rendimento Médio expresso em algodão em caroço.

¹Variação entre anos.

Mostra-se, na Tabela 1, a franca recuperação da lavoura algodoeira no Brasil, com a produção caminhando para o auto-abastecimento e para o retorno das exportações de pluma. A produção nacional do algodão em pluma, na safra de 2000/01, totalizou 858,2 mil toneladas, o que equivale,

a 93% do consumo interno estimado para 2001 (CONAB, 2001). O incremento médio na produção foi de 22,5%, em relação ao volume produzido no ano agrícola 1999/00. Em valores absolutos, isto significa um acréscimo de 158,0 mil toneladas.

Na região Centro-Oeste, a produção de algodão em pluma foi, na safra 2000/01, de 642,5 mil toneladas, um acréscimo de 36,6% em relação à safra anterior, 74,9% da safra brasileira. O estado do Mato Grosso foi responsável por 43,3% da safra nacional. A região Sudeste, que já foi a maior produtora brasileira, teve a produção de pluma reduzida, na safra 2000/01, em 17,4%, produzindo 77,6 mil toneladas de pluma, 9% da produção nacional. A região Nordeste teve redução na produção de pluma na safra 2000/01, em relação à safra anterior (Tabela 1).

O rendimento médio brasileiro do algodão em caroço na safra 2000/2001, foi de 2.659 kg/ha, 16,1% superior ao da safra passada, quando foram colhidos 2.291 kg/ha. Na região Centro-Oeste, o rendimento médio foi de 3.231 kg/ha e o do estado do Mato Grosso, 3.375 kg/ha. Na região Sudeste ocorreu redução de 7,5% no rendimento médio em relação à safra de 1999/00. No Nordeste, verificou-se aumento no rendimento médio de 26% explicado, em parte, pela maior redução ocorrida na área colhida (32%) em relação à redução da produção de algodão em caroço (17%) (Tabela 1).

O aumento da produção na safra 2000/01, ainda é resultado da emergência de uma confiança geral na recuperação da cotonicultura brasileira, que começou a ocorrer em 1997; nesse clima, constatou-se significativo aumento da área

colhida e, consequentemente, da produção. As importações vêm diminuindo, devendo atingir em 2000/01, de acordo com a CONAB, 190,0 mil toneladas, praticamente metade do volume importado na safra de 1997.

As perspectivas para a cotonicultura brasileira são promissoras, tendo em vista o domínio da base técnica e a meta de todos os segmentos da cadeia têxtil para a retomada do dinamismo da cotonicultura.

✓ Evolução da Produção Mundial

A produção mundial de algodão em pluma, na safra de 2000/01, é estimada na ordem de 19,2 milhões de toneladas. O consumo deverá situar-se em torno de 20 milhões de toneladas. China, Índia, Estados Unidos, Paquistão e Turquia, são maiores consumidores de pluma e, juntos, representam 64% do consumo de algodão no mundo (Cotton World and Trade (2001)).

Espera-se que as importações, na temporada de 2001, tenham redução da ordem de 4%, passando de 6,1 milhões de toneladas, em 2000, para 5,8 milhões. As exportações deverão crescer 1,5%, passando de 5,9 milhões de toneladas para 5,7 milhões e os estoques de passagem deverão totalizar 8,2 milhões de toneladas, contra 9,1 milhões na safra de 1999/2000, ou seja, redução de aproximadamente 10% (Tabela 2).

Tabela 2. Suprimento Mundial de Algodão em Pluma, 1997/1998 à 2000/2001 (em 1000 t).

Item	1997/1998	1998/1999	1999/2000	2000/2001 (1)
Estoque Inicial	8,7	9,6	9,4	9,1
Produção	20,0	18,4	19,0	19,1
Importação	5,7	5,5	6,1	5,8
Consumo	19,0	18,5	19,8	20,0
Exportação	5,8	5,1	5,9	5,7
Estoque Final	9,6	9,9	9,1	8,2

Fonte: COTTON (2001)

(1) Estimativa.

Situação do Mercado Nacional

Apesar da queda da produção de algodão em pluma há vários anos, o consumo da matéria-prima pela indústria têxtil brasileira é, em média, de 800 mil toneladas/ano, ao longo da década de 90 (Tabela 3). O consumo de algodão no Brasil

vem apresentando alterações nos últimos anos. A ampliação do parque têxtil no Nordeste, em especial no estado do Ceará, fez o consumo desta região expandir-se à taxa de 7,6% ao ano. Na Região Sudeste ocorreu redução do consumo de 4,2% ao ano e, na região Sul, ele cresceu 2,0% ao ano.

Tabela 3. Produção, Consumo e Importação de Algodão em Pluma no Brasil, 1990/91 a 2000/01.

Ano Agrícola	Produção (1000 t.)	Consumo (1000 t.)	Importação (1000 t.)
1990/91	717	723	108
1991/92	561	732	143
1992/93	420	793	396
1993/94	484	834	407
1994/95	537	818	351
1995/96	410	817	384
1996/97	249	849	501
1997/98	381	740	403
1998/99	392	708	316
1999/00	675	893	337
2000/01	860	947	163

Fonte: COTTON: Word Statistics. Washington, D.C. ICAR, 1997

COTTON: Word Markets and Trade: Washington, D.C. USDA, ago. 2001

COTTON: Word Markets and Trade: Washington, D.C. USDA, nov. 1998

A queda na produção interna de algodão em pluma fez as importações dispararem de 108 mil toneladas, em 1990/1991, para 407 mil toneladas, em 1993/1994, colocando o Brasil, em 1996/97, na posição de maior importador mundial, com um total de 501 mil toneladas (Tabela 3). O aumento desenfreado das importações deveu-se a mudanças na política que acompanhou a abertura de mercado, deixando a produção nacional em posição desfavorável no mercado internacional, em termos de tributação e taxas de juros. O aumento da competitividade da produção nacional com o seu deslocamento para a região de cerrado, particularmente o estado do Mato Grosso, junto com a desvalorização da taxa cambial, reduziu a dependência das importações para complementar a oferta brasileira.

A produção de algodão em pluma no Brasil

alcançou 860 mil toneladas em 2000/01, a maior na década de 90, período em que ocorreu acentuadas reduções (Tabela 3). Apesar do consumo sinalizar crescimento nos dois últimos anos, estima-se que em 2000/01 as importações atinjam 163 mil toneladas, redução de 52% em relação à safra anterior. Por sua vez, as exportações devem alcançar 82,0 mil toneladas na safra 2000/01, estimativa bem menos otimista que a do início de 2001 devido, principalmente, à queda nos preços internacionais (Cotton, 2001).

O principal estado exportador de algodão é o Mato Grosso, que responde por 75,4% das vendas para o exterior; o segundo colocado no ranking é Mato Grosso do Sul, com 8,9% das exportações (Tabela 4).

Tabela 4. Exportações Brasileiras por Estado - Safra 2000/01.

Origem	Volume (toneladas)	Participação (%)
Mato Grosso	105.560	75,4
Mato Grosso do Sul	12.460	8,9
Goiás	6.580	4,7
Minas Gerais	5.460	3,9
Bahia	3.640	2,6
Paraná	3.220	2,3
São Paulo	980	0,7
Outros Estados	2.100	1,5
Total	140.000	100,0

Fonte: BM&F (2001).

✓ Situação do Mercado Internacional

O desaquecimento da economia norte-americana nos fins da década de 90, com a conseqüente queda no consumo de algodão, fez com que os principais mercados europeus começassem a sentir os efeitos da retração da maior economia do mundo e os preços do algodão iniciassem uma trajetória de baixa, a partir de dezembro de 2000. Na bolsa de Nova York, o contrato para vencimento em julho de 2001 foi cotado, no primeiro dia de cada mês, nos seguintes preços (em centavos de dólar por libra peso): janeiro, 64,00; fevereiro, 60,00; março, 54,00; abril, 46,00; maio, 46,27; junho, 41,42 e julho, 42,00. O contrato com vencimento em outubro de 2001 estava cotado, em centavos de dólar por libra

peso, entre 39,00 e 40,00, uma queda de praticamente 40% em 6 meses (Figuras 1, 2).

O achatamento dos preços no mercado externo e os grandes estoques mundiais, estão levando o setor algodoeiro a uma profunda crise. Os baixos preços e a difícil comercialização em 2001 podem resultar numa redução de 20% na próxima safra brasileira, o que levaria a indústria a retornar às importações. Assim, a exemplo do que ocorre no âmbito global, no Brasil o cenário também é desfavorável à cotonicultura, pelo menos no curto prazo, se mantida a atual crise econômica. No mercado disponível (de pronta entrega) de algodão as indicações de preços estão entre R\$0,86 e R\$0,88 por libra peso posto indústria (Megaagro, 2001).

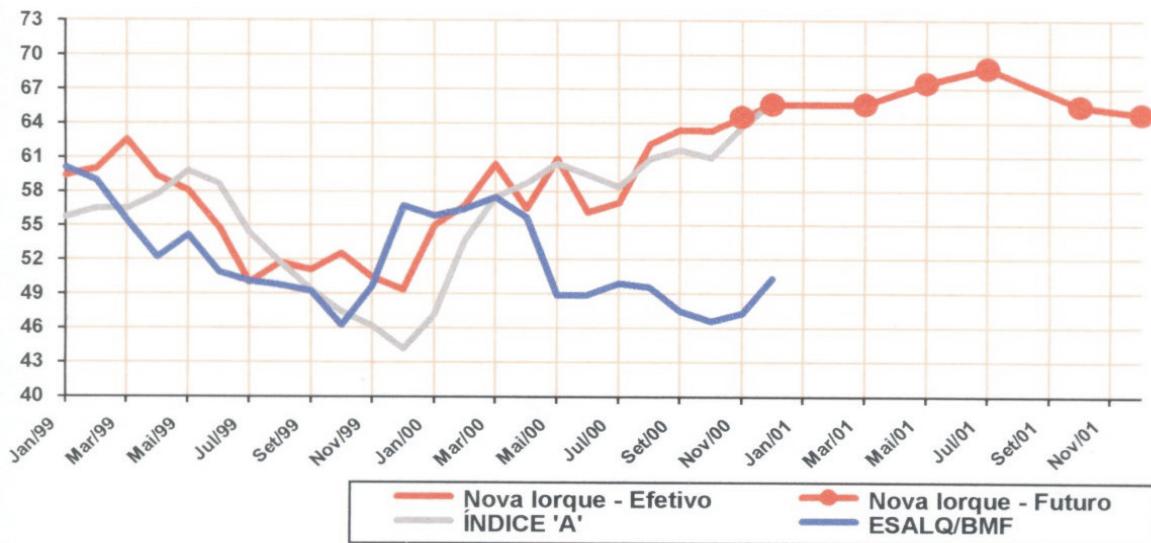


Fig. 1. Algodão em Pluma Evolução dos Preços Internacionais e Nacionais.
Fonte: CONAB (2001).

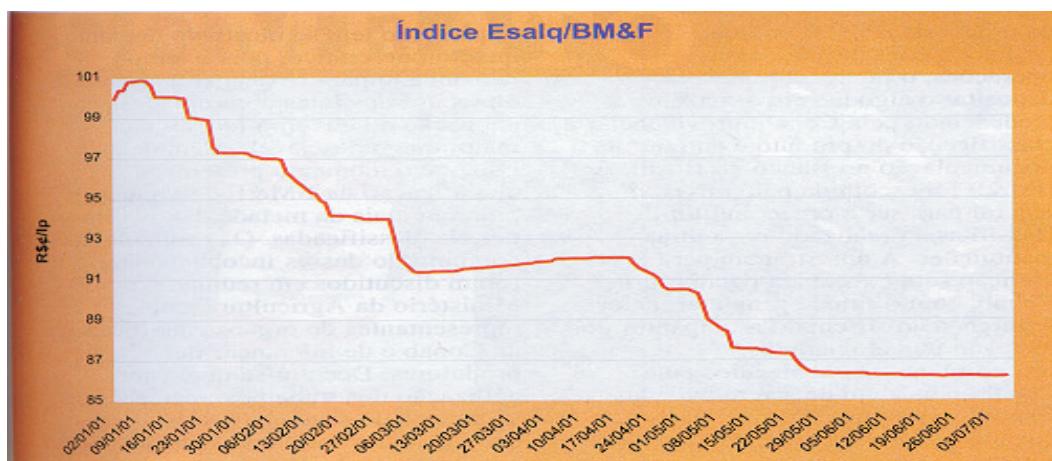


Fig. 2. Índice de Preço de Algodão, Tipo 6, Posto em São Paulo - Safra 2000/2001.
Fonte: CAMARGO (2001).

O mercado mundial de algodão foi, no período de 1997/98 a 2000/01, caracterizado por níveis de consumo inferiores aos da oferta (estoque inicial mais produção) gerando excedentes de, em média, 9,2 milhões de toneladas, o que correspondeu a 48,0% da produção, nível que pode ser considerado bastante elevado (Cotton, 1998, 2001).

Para temporada 2001/02, as perspectivas não são diferentes, tendo em vista a produção mundial recorde prevista em 20,9 milhões de toneladas, 8,7% maior que a passada. Acrescentando-se o estoque inicial, a oferta deve totalizar 29,4 milhões de toneladas, ou seja, 4,0% superior à da temporada anterior. Por outro lado, o consumo deverá variar muito pouco, ou apenas 0,4% em comparação com o do ano anterior, e ficar em 20,0 milhões de toneladas, o equivalente a 45,0% da produção (Megaagro, 2001).

A tendência do comércio mundial dessa fibra não foi constante no decorrer desses anos; contudo, em 2001/02, as exportações poderão ser ampliadas em 6,3% e alcançar 6,1 milhões de toneladas. Neste item, destacam-se as prováveis exportações dos Estados Unidos, da ordem de 2,0 milhões de toneladas, 33,3% superior às da temporada passada, em reação ao expressivo aumento de excedente no país, resultante da expansão de 16,8% na produção e da queda de 6,7% no consumo interno. Mesmo assim, o estoque final estadunidense deverá manter-se bastante elevado, em 1,9 milhão de toneladas, ou seja, 46,7% maior que o anterior, e 124,7% superior ao nível médio verificado entre 1999/98 e 1999/00 (Megaagro, 2001).

No mercado físico, o índice A de Liverpool 1, que já apresentava tendência decrescente durante 2000/01, passou a ser ainda mais pressionado, devendo atingir a marca historicamente baixa de US\$39,69 centavos por libra peso, em outubro do corrente ano (Megaagro, 2001). Por sua vez, o mercado futuro de Nova York apresentou as seguintes cotações na primeira quinzena de novembro de 2001: de US\$32,93 centavos/libra peso para entrega em março; de US\$33,92 centavos/libra peso para maio e de US\$35,00 centavos/libra para julho de 2002 abaixo, portanto, do atual nível de preços no mercado disponível 2 (Megaagro, 2001).

Nos últimos 28 anos, os preços do algodão foram mais baixos que os atuais apenas entre junho e

setembro de 1986. Os preços internacionais do algodão, medidos pelo índice COTTON OUTLOOK A, despencaram de 66 cents por libra em dez. 2000, para 42,50 cents na temporada 2001/02. O cenário atual do algodão em pluma é reflexo direto do desaquecimento da economia mundial e do excesso de oferta do produto no mercado internacional.

Conclusões

- ✓ A crise da cotonicultura impôs ajuste no sistema produtivo, ensejando a transferência da produção de algodão para a região de cerrado do Centro-Oeste e Nordeste, sendo o novo sistema pautado em novas formas de produção e gerenciamento, alterando a estrutura produtiva de uma cotonicultura tradicional para uma de caráter empresarial e moderno, com base no uso intensivo de tecnologia, onde se destaca a mecanização do preparo do solo à colheita e em um novo sistema de comercialização, em que o empresário rural paga pelo serviço de beneficiamento do algodão em caroço, ficando com a comercialização da pluma e do caroço (semente) e, em alguns casos, também dos subprodutos.
- ✓ Os preços futuros do algodão em pluma estão em queda no mercado internacional, sobretudo no de Nova Iorque, que dita a cotação; em 2001, o preço no mercado internacional foi um dos mais baixos dos últimos anos.
- ✓ O balanço de oferta e demanda do algodão no Brasil se caracteriza pelo suprimento voltado quase que exclusivamente para o mercado interno, com fraca participação no comércio mundial; assim sendo, a demanda interna tende a exercer maior influência sobre o comportamento dos preços que o crescimento das exportações e a desvalorização cambial.
- ✓ Dadas as condições de mercado ditadas pela elevada oferta de algodão, as expectativas se voltam para o desempenho econômico mundial e seus impactos sobre a demanda da fibra.
- ✓ O cenário mundial do algodão em pluma é reflexo direto do desaquecimento da economia mundial e do excesso de oferta do

produto no mercado internacional.

✓ Ante o quadro de dificuldade por que passa o agronegócio do algodão, haverá redução de área plantada no Brasil, na safra 2001/2002.

Referências Bibliográficas

Anuário Brasileiro do Algodão-2001.
Rondonópolis: FUNDAÇÃO MATO GROSSO,
2001. 144p.

BARBOSA, M.L.; Nogueira Júnior, S.
Restauração da Cadeia de Produção de Têxteis
no Brasil e seus Reflexos na Cotonicultura. In:
CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E
SOCIOLOGIA RURAL, 38, 2000, Brasília. Anais.
Brasília: 1995. p.1-15.

BARROS, M.A.L.; Santos, R.F. dos. Conjuntura
do Algodão no Mundo e no Brasil nas Safras
1998/99 e 1999/2000. Campina Grande, 2000.
15p. (Embrapa – CNPA. Documento 74).

BOLSA DE MERCADORIA E FUTUROS.
Estatística dos mercados físico e futuro de
algodão. São Paulo, 2002.

CAMARGO, P.P. de. Algodão: conjuntura
adversa altera o panorama. A Granja do Ano, no.
16, 2001. p. 36-40.

CONAB. Disponível em: www.conab.gov.br.
Acesso em: 10-11-2001.

COTTON: Word Markets and Trade. Washington,
D.C.: ICAC,1997.

COTTON: Word Markets and Trade. Washington,
D.C.: USDA, 1998.

COTTON: Review of The World Situation.
Washington: ICAC, v. 25, no. 4. mar./abr., 1999.
19p.

COTTON: Word Markets and Trade. Washington,
D.C.: USDA, 2001.

Indicadores da Agropecuária: CONAB, Brasília.
v.10, no. 3, p. 5-7, 2001.

JEL, CNA, SEBRAE. Análise de Eficiência
Econômica e de Competitividade da cadeia Têxtil
Brasileira, Brasília, DF, 2000. 480p.

MEGRAAGRO. Disponível em:
www.megaagro.com.br. Acesso em: 10-11-
2001.

**Circular
Técnica, 58** Exemplares desta edição podem ser adquiridos
Embrapa Algodão
Rua Osvaldo Cruz, 1143 Centenário CP 174
58107-920 Campina Grande, PB
Fone: 0XX 83 315-4300 Fax (0xx) 83 315-4367
e-mail algodao@cnpa.embrapa.br
1ª edição

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

**Comitê de
Publicações** Presidente: Alderi Emídio de Araújo
Secretária-Executiva: Nívia M. S. Gomes
Membros: Demóstenes M.P. de Azevedo
José Wellington dos Santos
Lúcia Helena Avelino de Araújo
Márcia Barreto de Medeiros
Maria Auxiliadora Lemos Barros
Maria José da Silva e Luz
Napoleão Esberard de M. Beltrão

Expediente Supervisor Editorial: Nívia Marta Soares Gomes
Revisão de Texto: Nísia Luciano Leão
Tratamento das Ilustrações: Mº do Socorro A. de Sousa
Editoração Eletrônica: Maria do Socorro Alves de Sousa